

# Projeto G.A.M.E.

BOLETIM MENSAL PARA CONTRIBUIDORAS

# ÍNDICE

01 – APRESENTAÇÃO	2
02 – RESUMO DO MÊS	3
03 – PRESTAÇÃO DE CONTAS	5
04 – INDICAÇÃO DO MÊS	6
05 – CURIOSIDADES HISTÓRICAS	7

# APRESENTAÇÃO

Olá, como está o seu sono ultimamente?

Você está recebendo esse boletim pois contribuiu com o financiamento coletivo do Projeto G.A.M.E. A ideia é que você receba-o junto com o e-mail que é enviado até o dia 15 de cada mês para as pessoas que contribuíram.

Nesse boletim virá sempre:

- Um resumo das atividades do projeto no mês;
- Uma cópia da prestação de contas disponível no blog;
- Divulgação de qualquer evento relacionado ao projeto;
- Uma indicação de conteúdo feita por mim, Marcus;
- Um resumo de duas biografias e um episódio histórico.

Qualquer dúvida, crítica ou sugestão, estou sempre aberto para o diálogo, principalmente com vocês que, de alguma forma, acreditaram no projeto. A melhor forma de entrarmos em contato, para mim, é por e-mail ([marcusfoliveira@gmail.com](mailto:marcusfoliveira@gmail.com)), mas se para você outra forma for melhor, podemos providenciar algo, basta dizer.

## RESUMO: JUNHO de 2019

Passaram quase dois meses entre as aulas de maio e as de junho, então isso cria uma certa desconexão entre as coisas, fica um espaço muito grande; além disso, as aulas de junho foram nos dias 29 e 30, os últimos do mês, o que obriga a escrita desse resumo já em julho, atropelando o processo de confecção do boletim, prestação de contas e demais tarefas e ajustes do Projeto. Vicissitudes da vida.

Nesse mês tivemos uma aula dupla de Análise do Caráter II, visto que aconteceram algumas impossibilidades de conciliação de datas nesse mês, como já relatei em outro boletim. Continuando o programa que nos apresentou, o Marcus Vinícius trabalhou mais quatro tipos de caráter nessas aulas: obsessivo-compulsivo, masoquista, passivo-feminino e narcisista-oral. Como da outra vez, discutimos a partir de um texto que o Marcus Vinícius trouxe as características psicorporais, a etiologia, a dinâmica interna e o projeto terapêutico de cada um desses caracteres. De uma forma geral a aula transcorreu de forma tranquila, com a leitura do texto sendo feita coletivamente e interrompida quando alguém sentia necessidade de fazer alguma consideração, pergunta ou comentário. Em um desses momentos uma aluna perguntou como ficaria a questão das pessoas assexuais, e ao ela trazer a questão eu já imaginei que haveria ali uma possibilidade de aprofundar o debate teórico sobre método, limites do conhecimento, paradigma científico e epistemologia, pois eu já havia me detido há algum tempo atrás nessa reflexão por conta da mesma questão, ao ler o relato de uma pessoa assexual e pensar como isso se relacionava com o que eu conhecia até então do pensamento reichiano. A resposta do Marcus Vinícius foi bem no caminho que eu imaginava: inicialmente ele ficou fazendo pequenas perguntas meio que buscando “corrigir” a questão, coisas como “você está falando de alguém que define a sua sexualidade pela falta de desejo sexual?”, até que entendeu que a questão era realmente sobre uma pessoa assexual, então aí eu senti que um limite foi atingido e ele começou a falar e dar exemplos de como isso não poderia existir. Fiz um esforço de ouvir atentamente e buscar não acrescentar nada nesse momento, para ver até onde o diálogo entre a questão trazida e o paradigma reichiano (ou o que de paradigma reichiano o Marcus Vinícius trás) poderiam ir. Ao ficar evidente que o Marcus Vinícius havia esgotado a questão e iria pedir o prosseguimento da leitura do texto, eu intervi fazendo o questionamento sobre a possibilidade de pessoas assexuais serem efetivamente uma realidade e o paradigma reichiano nos impedir de enxergar isso. O Marcus Vinícius disse inicialmente que era uma boa questão, mas que não havia jeito de abrimos mão de ter pressupostos, e entre várias outras contribuições e algumas interrupções, tive que fazer mais algumas considerações e duas ou três correções em interpretações equivocadas da proposta de construção do conhecimento científico. Não se trata de não ter pressupostos, mas de entender que os temos e, assim, declará-los (Pierre Bourdieu é um autor que vai falar disso de forma exemplar); e, de entendendo que temos pressupostos e tendo declarado-os, que se trata não de colocá-los em um lugar de imutabilidade, mas de entender que eles podem ser questionados; e de, entendendo que eles podem ser questionados, que não se trata de caminhar sobre um mar

solipsista de certezas impossíveis, mas de estar disposta a questionar seus próprios pressupostos toda vez que dúvidas razoáveis o coloquem em questão. Esse episódio me impactou bastante não pelo diálogo que desenvolvi diretamente com o Marcus Vinícius, que por mais que utilizando um ou outro artifício retórico (que sinceramente não acredito que foi feito de forma consciente e/ou deliberada) conseguia entender o meu questionamento (ele chegou a dizer “é uma boa questão” e “você tem razão” algumas vezes), mesmo que eu possa não ter apresentado-o da forma mais eficiente; o episódio me impactou por algumas reações das outras pessoas, demonstrando na maioria da vezes não estar compreendendo a discussão em pauta, tendo algumas deixando patente uma incapacidade mesmo de entender o que estava sendo colocado ali. O IFP tem como um critério de ingresso que a pessoa tenha alguma graduação, mas bem sei que isso significa muito pouco em termos de preparar ou não a pessoa para uma compreensão de epistemologia; eu mesmo saí da primeira graduação sem nem arranhar a superfície desse debate, e embora a segunda graduação tenha oportunizado algumas discussões e reflexões nesse sentido, ainda não considere suficiente o pouco que acredito entender de epistemologia hoje, pouco mesmo, foi conquistado com muito esforço nos meus estudos particulares. Mas além de graduadas, temos pessoas pós-graduadas, com anos de prática clínica (em outras especialidades ou de outras “escolas”) e com anos de estudos diversos; e o nível de falta de compreensão do escopo mesmo daquilo que estava sendo discutido que apresentaram as pessoas que se envolveram diretamente no debate me incomodou profundamente.

Depois da aula tivemos a reunião do CAP (a clínica coordenada pelas alunas e supervisionada pelo IFP); ela foi importante para iniciarmos esse processo de nos organizarmos, mas efetivamente teve pouco impacto prático, pois ainda estamos aprendendo como agir enquanto grupo e isso realmente faz bastante falta naquele coletivo, aonde interrupções e atropelamentos ainda são constantes. Conseguimos discutir uma pequena questão sobre a identidade do CAP, o que achamos que ele é e o que o difere de outras clínicas, embora poucas opiniões tenham sido expressas – ao menos acredito que agora ficou óbvia a necessidade de uma reunião e do quanto pouco tempo temos para ela. Interrompemos a reunião por conta da supervisão, aonde também houveram alguns atritos, dessa vez por conta de diferentes concepções de mundo; até onde pude perceber, nada que tenha atacado ninguém, mas houve um momento particularmente tenso de discussão – e eu acho isso ótimo, ainda mais por eu não ter sido o disparador nem o receptor disso, como geralmente acontece.

No dia seguinte tivemos aula de Técnicas Complementares do Trabalho Reichiano com o Pedro, que dedicou o dia ao trabalho com a lanterna; para mim foi interessante pois essa era uma coisa da qual eu ouvia muito falar: era “fulano trabalha com lanterna” pra cá, “siclano não usa lanterna” pra lá, “beltrano usa lanterna com cores” acolá... Na prática o uso é bem simples, trata-se de usar uma lanterna como foco de atenção para o olhar da paciente e, a partir disso, alguns movimentos e manobras são realizados. Pelo que observei ao fazer o trabalho em dupla e ao ouvir o relato de outras pessoas é um trabalho bem efetivo; independente das explicações que são dadas para os fenômenos, houveram reações visíveis e razoavelmente intensas ao trabalho, uma inclusive bem intensa.



# PRESTAÇÃO DE CONTAS: JUNHO DE 2019

## Pessoas Apoiando

Categoria “Chegando Junto”

- Laércio Mendonça
- Tamyres Simplício
- Suanny Salles

Categoria “Levantando a Mão Para Perguntar”

- Paula Xisto

Categoria “Somando, um Trocadilho Grego”

- Carmen Vitória

Categoria “Multiplicando Vozes”

Categoria “Colocando na Estante”

Categoria “Categoria Preceptor”

- Lizia Regina
- Wriacy Simões
- Armando Daniel

## Contribuições Financeiras

Total arrecadado: R\$ 8.211,61

Total arrecadado no mês: R\$820,00

Total gasto no mês: R\$617,90

Nesse mês tivemos as mesmas oito pessoas que contribuíram no mês passado, mais um mês aonde não conseguimos atingir nenhuma outra pessoa de forma que contribuísse com o Projeto – ao menos, diriam as pessoas do copo meio cheio, também não perdemos nenhuma contribuidora. Seja com for, só temos a agradecer a todas que contribuem e já contribuíram com o nosso Projeto, seja de forma financeira ou não. Muito obrigada por isso!

Mais um mês aonde conseguimos fazer a economia da passagem do trajeto Central – IFP à pé; além disso, também foi mais um mês aonde o querido amigo Wilian disponibilizou sua casa para me acolher entre os dias do curso, permitindo assim mais a economia de duas passagens Santa Cruz da Serra – Central.

Devido às aulas de junho terem sido nos dois últimos dias do mês, não houve tempo hábil para fazer a prestação de contas mais detalhada no blog – assim, no dia em que isso está sendo escrito (01/07/19) você não encontrará essa descrição nem o extrato bancário do mês no blog – mas devem estar lá muito em breve (talvez hoje mesmo).

## INDICAÇÃO DO MÊS - SAPIENS

Nesse mês, mais uma indicação de livro aqui nos nossos boletins; e, não por coincidência, um livro que se conecta profundamente com o outro que indicamos há sete meses atrás. Em dezembro de 2018 indicamos o livro “Ismael”, do autor Daniel Quinn, e agora em Julho de 2019, como vocês já tiveram tempo suficiente para lê-lo, indicamos o livro “Sapiens – uma breve história da humanidade”, do autor Yuval Harari.

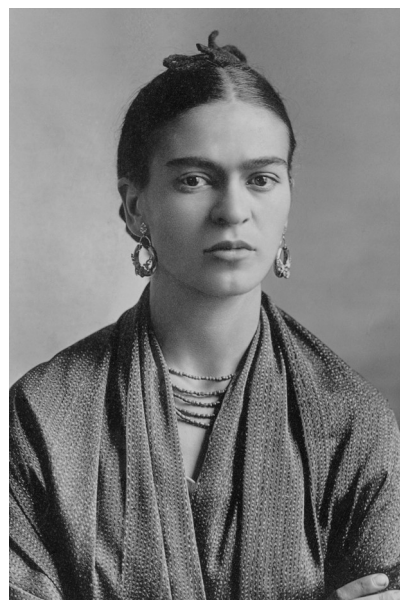
Esse livro me foi indicado várias vezes de forma indireta provavelmente a primeira foi no canal Nerdologia, do Youtube, que inclusive já indiquei aqui, depois por vários podcasts que eu ouço, mesmo aqueles que não são de divulgação científica (em um deles, mais dedicado ao marketing, os vários participantes gostaram tanto do livro que passaram a se referir ao autor como “Yuvão da Massa”), depois por um amigo muito querido que insistiu na necessidade de que eu lesse o material, ficando de me passá-lo para que pudesse fazer a leitura, até que uma pessoa que eu conheci em um acampamento na virada do ano me enviou um e-mail pedindo indicações de leitura e dizendo que se eu não tivesse nada a indicar ele leria o Sapiens, perguntando se eu já havia lido e o que eu achava do livro; o respondi falando dessas recomendações que eu já havia “recebido” do Sapiens e dizendo que se ele fosse lê-lo de lá eu o faria de cá, e foi assim que comecei a ler o livro.

A primeira qualidade que fica evidente no livro é a sua escrita, fluida, simples e cativante – é um livro extramente prazeroso de ler, pois você vai avançando com facilidade e tem sempre a sensação de aprender alguma coisa a cada página. É um livro que se sustenta principalmente na biologia evolutiva para contar “uma breve história da humanidade” (como diz o subtítulo), fazendo um percurso da nossa espécie desde antes de efetivamente sermos o que somos hoje, passando pelos últimos ancestrais comuns que tivemos com os macacos, seguindo pelas outras espécies de humanos que conviveram no planeta conosco (como os neandertais e os denizovanos) e centrado-se em nós, *Homo Sapiens*. O autor divide a obra em quatro blocos de capítulos, com títulos bem ilustrativos: A Revolução Cognitiva (quando o pensar se fez elemento central); A Revolução Agrícola (quando a agricultura nos domesticou); A unificação da humanidade (quando a cultura nos fez acreditar que somos uma coisa só); A Revolução Científica (aonde ele fala da relação entre ciência, economia e política). Com exemplos muito bem construídos, uma linha condutora sólida por toda o texto e um cuidado com a construção do conhecimento, Sapiens é um livro obrigatório para todas aquelas criaturas que possuem o telencéfalo altamente desenvolvido e o polegar opositor.

## CURIOSIDADES HISTÓRICAS

### Frida Kahlo (1907 – 1954)

Foi uma artista mexicana que pintou muitos retratos, autorretratos e temas inspirados pela natureza e artefatos do México. Inspirada pela cultura popular de seu país, ela empregava um estilo ingênuo para explorar questões de identidade, pós-colonialismo, gênero, classe e raça na sociedade mexicana. Suas pinturas frequentemente tinham fortes elementos autobiográficos e misturavam realismo com fantasia. Além de ter pertencido ao movimento Mexicayotl, que buscava definir uma identidade mexicana, Kahlo foi descrita como surrealista ou realista mágica.



Frida passou a maioria da sua infância e vida adulta na casa da sua família em Coyoacán, A Casa Azul, conhecida atualmente e acessível ao público como o Museu Frida Kahlo. Ela ficou com sequelas da infecção com poliomielite que teve quando criança, e até um acidente de trânsito aos dezoito anos lhe causar problemas médicos severos e dor perpétua, ela era uma estudante promissora caminhando para a medicina. Durante sua recuperação, ela retomou o seu hobby de infância, a arte, com a ideia de se tornar uma artista.

Em 1927 ela se juntou ao Partido Comunista Mexicano, através do qual conheceu o também artista Diego Rivera, com quem ela se casou em 1928. Kahlo passou o final dos anos 1920 e o início dos 1930 viajando pelo México e Estados Unidos com seu marido; durante esse tempo ela desenvolveu o seu estilo artístico, tirando sua inspiração da cultura popular do México e pintou majoritariamente pequenos autorretratos que misturavam elementos das mitologias pré-Colombianas e católica. Suas pinturas despertaram o interesse do surrealista André Breton, que arranjou a primeira exposição individual de Frida na Julien Levy Gallery de Nova Iorque, em 1938. A exposição foi um sucesso e foi seguida por outra em Paris no ano seguinte; embora a exposição francesa tenha sido menos bem sucedida, o Louvre comprou uma das pinturas de Frida Kahlo, fazendo dela a primeira artista mexicana a figurar em sua coleção. Durante os anos 1940, Frida participou de exposições no México e nos Estados Unidos. Ela lecionou na “Escuela Nacional de Pintura, Escultura y Grabado La Esmeralda” e se tornou membro fundadora do “Seminario de Cultura Mexicana”. Sua saúde sempre frágil começou a declinar na mesma década. Ela teve sua primeira exposição individual no México em 1953, falecendo logo depois, em 1954, com 47 anos.

Seu trabalho artístico ficou relativamente desconhecido até o final dos anos 1970, quando foi descoberto por historiadores da arte e ativistas políticos. No início dos anos 1990 ela não só se tornou uma figura reconhecida na história da arte, mas também considerada como um ícone para “Chicanos” e para os movimentos feminista e LGBTQ. Seu trabalho foi celebrado internacionalmente como emblemático das tradições nacionais e indígenas mexicanas e por feministas pelo que é visto como uma descrição intransigente da experiência e forma feminina.





## Sebastien Faure (1858 – 1942)

Nascido em família católica, chegou a pensar na vida eclesiástica, mas entrou para o ramo dos seguros após a morte do pai; perdendo a fé, tornou-se socialista e chegou a disputar uma eleição pelo partido marxista francês (*Parti Ouvrier*), mas através da influência de Kropotkin, Elisee Reclus e Joseph Tortelier se tornou anarquista, sendo um grande propagandista do movimento libertário através de seus discursos e suas obras.

Defensor do sintetismo anarquista, pregava a união dos anarquistas em torno daquilo que tinham em comum; na época havia um debate forte sobre o que deveria ser uma organização anarquista, e duas visões opostas surgiram. O “plataformismo”, surgido a partir do texto “Plataforma Organizacional dos Comunistas Libertários” do grupo russo Dielo Truda, prega que cada grupo anarquista deve se organizar a partir de quatro pilares: unidade ideológica, unidade tática, responsabilidade coletiva e federalismo. O “sintetismo”, defendido por Faure, pregava que as três grandes tendências no anarquismo da época não eram excludentes entre si, mas complementares; segundo ele, o anarco-sindicalismo tinha a potência da comunicação e ação com as massas de trabalhadores; o comunismo libertário propunha uma sociedade futura baseada na distribuição dos frutos do trabalho de acordo com as necessidades de cada pessoa; o anarco-individualismo era uma negação da opressão e uma afirmação do direito individual ao auto-desenvolvimento.

Envolveu-se em várias publicações anarquistas, como os jornais *Le Libertaire* (“O Libertário”, 1895, 1919 – 1939), *Journal du Peuple* (“Jornal do Povo”, 1899), *Le Quotidien* (“O Cotidiano”, 1901 – 1902), o manifesto contra a Primeira Guerra Mundial *Vers la Paix* (“Pela Paz”, 1914), o semanário *Ce qu’il faut dire* (“O que precisa ser dito”, 1916 – 1917), entre outros. Para muitas pessoas sua principal contribuição foi a criação da experiência de educação libertária *La Ruche* (“A Colmeia”), que funcionou de 1904 a 1917 em Rambouillet (próximo a Paris). De forma geral, as principais ideias desse experimento podem ser sintetizadas assim: preparar as crianças, desde os primeiros anos, a cuidar da sua autonomia, desenvolver sentimentos de solidariedade e procurar a sua liberdade através da prática da liberdade para construir uma sociedade livre e fraterna; demonstrar que, posto em contexto social igualitário e libertário, o indivíduo desenvolve valores e modos de ser igualmente libertários e igualitários. A escola se mantinha através dos trabalhos feitos pela própria comunidade e das contribuições voluntárias dos simpatizantes da causa; inicialmente contava com 20 pessoas, mas chegou a ter aproximadamente 40 alunos e alunas (entre 6 e 13 anos) mais 20 ajudantes. Todo estudante era admitido sem taxas, baseando sua estadia na contribuição voluntária de acordo com as possibilidades da família. Havia uma forte ênfase na educação integral, um esforço de oferecer a cada estudante a maior gama de experiências e permitir que mais tarde desenvolvessem a atividade que desejassem.

## PROIBIÇÃO DA TALIDOMIDA

Comercializada como Thalomid, Immunoprin e outros nomes, a Talidomida é uma droga imunomoduladora e protótipo da classe de drogas de mesmo nome. Hoje em dia a talidomida é usada principalmente no tratamento de alguns tipos de câncer (mieloma múltiplo) e nas complicações da hanseníase.

Foi descoberta por volta de 1953 e inicialmente comercializada em 1957 na Alemanha Ocidental, sob o nome Contergan, pela empresa Chemie Grünenthal. Sendo prescrita basicamente como sedativo ou hipnótico, da talidomida também se propagandeava a cura da ansiedade, insônia, gastrite e tensão. Após esse período, foi utilizada em casos de náusea e para aliviar o enjoo matinal em mulheres grávidas, sendo vendida sem receita médica na Alemanha Ocidental no mesmo ano em que foi lançada. Pouco tempo depois do início da comercialização da droga, entre 5000 e 7000 crianças nasceram com má formação dos membros; apenas 40% dessas crianças sobreviveram. Em todo o mundo, cerca de dez mil casos foram registrados de crianças com má formação dos membros devido à talidomida, tendo apenas metade destas sobrevivido. Aqueles submetidos à talidomida ainda no útero desenvolveram deficiências que impediram os membros de se desenvolver plenamente. Outros efeitos incluem olhos, coração, sistemas digestivo e urinário deformados, surdez e cegueira.

Testada em várias animais em relação à sua toxicidade (como conta o autor Walter Sneader em seu livro *Drug Discovery – a history* [“Descoberta das Drogas – uma história”, em tradução livre] – inédito no Brasil), a talidomida não apresentou nenhuma característica que impedisse a sua comercialização. Como defendem alguns pesquisadores, a experiência histórica com o desastre causado pela talidomida deveria nos alertar para a fraude científica que são os testes laboratoriais realizados em não-humanos. Espécies evoluíram e se desenvolveram de formas muito diversas umas das outras. Uva, por exemplo, é um alimento extremamente tóxico para cães e gatos, assim como o louro, que muitas pessoas consomem diariamente no feijão, pode matar um cavalo. A talidomida dá mais um exemplo, bem cruel, de como algumas substâncias podem não afetar uma espécie mas causar um dano terrível a outra. Mesmo entre nós, seres humanos, existem diferentes respostas imunológicas entre grupos distintos (e podemos situar que a separação dos humanos em grupos suficientemente distintos ocorreu entre 200 e 70 mil anos atrás, datas em que se estima que o *Homo Sapiens* surgiu na África e depois se espalhou a partir desse surgimento), permitindo que uma doença mate populações inteiras enquanto não afeta outras (como o caso de doenças trazidas pelos brancos que dizimaram indígenas), ou mesmo que certas doenças tenham prevalência em certas populações (como o caso da anemia falciforme).

Depois dos efeitos nocivos da talidomida, regulações sobre drogas e medicamentos mais estruturadas foram desenvolvidas e houve maior controle sobre o uso e desenvolvimento destas.

## Pergunta do Mês

Outro mês seguido sem ninguém se interessar em responder às perguntas que trazemos aqui. Qual será o recorde que vamos conseguir atingir?

Qual foi a última vez que você desenhou?